

## Redenção — Acontecimento e linguagem

Pediram-me que fizesse uma introdução a este debate acerca da «Redenção — Acontecimento e linguagem» do ponto de vista da teologia sistemática. Limitar-me-ei, portanto, a algumas reflexões prévias à discussão dos problemas, cuja solução deixarei assim em suspenso.

Acerca do próprio título deste seminário se poderá pôr a questão: Porquê «acontecimento e linguagem» e não «linguagem e acontecimento»? E porque não introduzir, a par da linguagem e do acontecimento, também a noção de estrutura, própria da análise moderna da linguagem?

Tal como está, o título parece corresponder àquela visão teológica que se desenvolveu e divulgou no campo católico por ocasião do concílio Vaticano II, a qual privilegia o acontecimento sobre a linguagem: Função da linguagem será dizer o acontecimento. Se invertermos, porém, os termos, surge-nos a linguagem como acontecimento, acontecimento que actualiza diacronicamente o que, sincronicamente, é estrutura intemporal. Na época moderna da teologia, esta visão aparece posteriormente à primeira, e corresponde ao desenvolvimento das ciências da linguagem e à tentativa de as fazer frutificar não só no domínio da exegese bíblica, mas também no da meditação teológica mais ampla.

Estes dois modos de aproximação do tema sugerem-me duas partes na minha exposição, que serão completadas com uma terceira em que se tentará ver a interferência das duas primeiras perspectivas.

## I

A teologia pós-conciliar nasceu, pode dizer-se, sob o signo da filosofia da existência, a qual põe o acento no *acontecer*, aceitando apenas pensar o *ser* nessa perspectiva. «Ser e tempo» é o título programático da obra fundamental de Heidegger, que orientará, inclusivamente, toda uma escola de exegese e teologia. «Ser e tempo» significa que o acesso originário ao ser é o do tempo, pois que só no tempo o ser é. O acontecimento aparece como o próprio lugar do acesso à verdade. E que outra perspectiva se poderá então esperar para a nova teologia senão a que pensa a Redenção, a Salvação como História salvífica?

Mas se o ser é sempre ser na história, isto significa, por outro lado, que o ser só se encontra a si mesmo, como ser, no homem histórico, pois não há outra história senão a história humana. O homem é o *Dasein*, a existência como ser-aí, é o ser situado. O estar situado é a condição de possibilidade do ser na sua historicidade.

*História salvífica em perspectiva antropológica* será, de facto, o programa desta teologia de cariz existencial. O que importa é o que a Redenção ou Salvação significa, existencialmente, para o homem e no homem. Só no contexto da realidade histórica existencial humana a realidade da Redenção se me dá. Daí a valorização do subjectivo como lugar próprio da realidade.

O caso extremo desta tendência no domínio da exegese será o de Bultmann. Ele dirá: Que me interessa o que aconteceu de facto, historicamente, com Jesus de Nazaré? O que me importa unicamente é o facto de ele ser o Cristo para a fé dos discípulos. Se há um lugar em que a Redenção seja realidade, esse será apenas a fé vivida, testemunhada e proclamada. Fé na Redenção e sua pregação identificam-se aqui com a realidade mesma da Redenção.

Não se pode, evidentemente, reduzir a teologia kerigmática aos excessos de Bultmann, aliás logo corrigidos pelos seus discípulos. A sua figura, todavia, permanece significativa de uma tendência. Parte-se da concepção heideggeriana da linguagem como existencial fundamental do homem. A fé e a pregação são a palavra, interior ou proclamada, em que a Redenção existe, ec-siste.

## II

E, de facto, tudo o que Deus nos revela é acontecimento da sua Palavra. Palavra significa aqui, primeiramente, Palavra com letra grande: a Palavra de Deus<sup>1</sup>. Essa Palavra de Deus exprime-se, contudo, enquanto palavra com letra pequena, enquanto falar humano constituído por palavras-vocábulos. O acesso à transcendente Palavra de Deus é, pois, só possível através das palavras concretas em que ela se exprime. Daí a legitimidade e necessidade de estudar a expressão da Palavra de Deus com todos os meios modernos da análise científica da linguagem. Foi, efectivamente, em tais palavras, objecto da ciência, que a Palavra de Deus se fez carne.

Neste domínio, e no que respeita à palavra Redenção, duas indicações podem, de imediato, ser dadas. A primeira, para lembrar que a palavra Redenção é palavra-chave simbólica, como tal utilizada pela SS. Escritura e interpretada pela teologia bíblica. A segunda indicação situa-se na perspectiva da análise estrutural, para notar a vantagem de se estabelecer o paradigma (no sentido estrutural do termo) em que se insere essa palavra-chave, isto é, toda a constelação de termos que podem substituir a palavra Redenção nas afirmações neotestamentárias que a empregam. Uma e outra destas indicações estão ligadas entre si, pois que, para interpretar a palavra-chave Redenção, como o faz a teologia bíblica, é necessário ter em conta que ela é uma metáfora entre outras metáforas que pretendem, também elas, exprimir a mesma realidade.

Voltando, por momentos, ao pensamento existencial, talvez seja útil, a este propósito, recordar uma recomendação de Gabriel Marcel. Dizia o filósofo que, quando se emprega uma comparação, esta deve ser imediatamente completada com uma outra, a fim de que o carácter provisório de qualquer delas se torne manifesto, no caminho exigente e constante da procura da verdade. Só assim se evitam esses coágulos pela coisificação das noções, que se tornam mortais ao impedirem a fluidez de um pensamento atento ao inefável do mistério.

Ora é essa precisamente a vantagem de se estabelecer o paradigma da palavra Redenção, no qual se cruzem todas as linhas da correspon-

---

<sup>1</sup> Acerca do que se segue cf. o estudo fundamental de Paul RICOEUR, *Contribution d'une réflexion sur le langage à une théologie de la parole*, in: *Exégèse et herméneutique* (Coll. Parole de Dieu), Seuil, Paris, 1971, pp. 301-319.

dência desta palavra com outras, como Salvação, Satisfação, Libertação, Aliança, para só nomear algumas. Nenhuma delas é conceito único. Todas elas são metáforas, abertas, pela sua polisemia, a um referente que as transcende a todas.

### III

No caso de emprego da palavra Redenção, o referente do acontecimento da linguagem é ele próprio acontecimento histórico. Esse acontecimento é um só; no entanto, pode ser designado por muitas palavras. Uma constelação de sentido se forma; e será importante não perder de vista o que as outras metáforas dizem, quando apenas uma delas nos prende especialmente a atenção.

Por outro lado, se a Redenção é acontecimento humano enquanto redenção *do homem*, outras perspectivas são possíveis, se considerarmos outros actantes no acontecimento da linguagem. Se o *homem* é quem é redimido, é porém *Deus* quem o redime. Assim, é-nos dada a possibilidade de completarmos a visão antropológica com a visão propriamente teo-lógica da Redenção.

E, deste modo, encontramos-nos face à palavra-chave por excelência da Bíblia, à volta da qual, no dizer de Ricoeur, todas as outras palavras-chave da Bíblia gravitam: a palavra *Deus*<sup>2</sup>. A sua grande riqueza vem-lhe do facto de ser palavra simbólica, o que a torna capaz de exprimir coisas que a palavra não simbólica *ser* não é capaz de dizer.

A palavra *ser* é, por exemplo, impotente para dizer o mistério da Cruz de Jesus Cristo. Que há de mais impossível de ser dito pela palavra *ser* do que a contradição da Cruz que nenhuma dialéctica consegue superar, pois se dá na radical diástase entre o Deus transcendente e o homem-servo, despojado, ainda que livremente, de toda a condição divina (Cf. Fil 2, 6ss)? Mas a contradição da Cruz pode ser dita pela palavra Deus, em todo o significado que o mistério da Cruz assume para a fé dos crentes. Havendo Deus, então é que, anteriormente ao ser, há a *doação de ser*. O Deus cuja glória é a doação de si mesmo até ao total despojamento e à morte de Cruz, não é um Deus que possa ser pensado simplesmente em termos de ser. O que acontece

---

<sup>2</sup> Cf. *ibidem*, pp. 314, 317 ss.

é antes o inverso. Só à luz do *Deus* assim revelado, pode o *ser* ser pensado enquanto *doação* total de si mesmo.

Uma e outra forma de análise semântica estrutural pode trazer aqui também a sua luz. O acto de redimir só ganha o seu sentido exacto quando *contraposto àquilo que se lhe opõe*. Ora o que se opõe à Redenção é a condenação. E se a Redenção nos surge como acção de Deus e sua graça, a condenação implica o pecado do homem. Desde sempre a teologia conheceu estas estruturas que opõem a Redenção à condenação, a graça de Deus ao pecado do homem. Falar de Redenção do homem, apenas situada no aspecto subjectivo de fé e pregação no interior de uma História salvífica, é pois uma visão do mistério que precisa de ser estruturalmente aprofundada, para ser considerada em toda a sua complexidade.

Se nos situássemos apenas ao nível da análise semântica, tratar-se-ia somente de saber como se correlacionam entre si tais palavras, e qual a constelação de sentido que daí deriva. Mas outra coisa, mais importante para nós, é saber como essa constelação de sentido é revelação de Deus acerca da realidade que nos redime, que nos salva.

A realidade da Redenção permanece sempre idêntica a si mesma, transcendendo assim a visão de fé que cada época, cada tradição, cada um de nós tem dela. Mas a Redenção terá acentos de significação diversos consoante se entenda também diversamente, em determinados momentos e contextos históricos, a noção da presença de Deus na história e a noção de pecado.

Se o pecado for visto sobretudo como acto responsável individual, também a Redenção será vivida sobretudo de maneira pessoal. Se, porém, por pecado se entender, antes de mais, o efeito do pecado pessoal objectivado nas realidades sociais, e como tal aí actuante, então Redenção será a acção de Deus que salva o homem não apenas no seu íntimo pessoal, mas sobretudo nas componentes exteriores da sua vida e acção. Uma espiritualidade, por outro lado, que tenda a acentuar a presença de Deus no mundo pelo sacral, e uma outra que tenda a acentuar a responsabilidade própria do homem no domínio secular, dará logicamente relevos diversos à reflexão acerca da Redenção.

Por último seja recordado que, segundo a fenomenologia da linguagem, dizer é sempre dizer algo acerca de alguma coisa *a alguém*. Falar do acontecimento da Redenção será diferente se falarmos acerca dele a um místico ou a um preso político. No centro das

preocupações de quem utiliza a linguagem da fé estará sempre o problema da significação, ou seja «a capacidade de representar o real pela mediação dos sinais e de entender esses sinais como representação da realidade»<sup>3</sup>.

H. DE NORONHA GALVÃO

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 319.